

Julia Quinn

DAMAS REBELDES • 1



Esplêndida

A história de Emma



ARQUEIRO



Esplêndida

A história de Emma



Título original: *Splendid*

Copyright © 1995 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado mediante acordo com Harper Collins Publishers.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Camila Figueiredo e Tereza da Rocha

diagramação: Abreu's System

capa: Renata Vidal

imagem de capa: © Ildiko Neer / Trevillion Images

impressão e acabamento: Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64e

Quinn, Julia, 1970-

Esplêndida / Julia Quinn ; tradução Ana Rodrigues. – 1. ed. – São Paulo : Arqueiro, 2021.

336 p. ; 23 cm. (Damas rebeldes ; 1)

Tradução de: *Splendid*

Continua com: *Brilhante*

ISBN 978-65-5565-101-0

1. Romance americano. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

21-68832

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para minha mãe, que me deixou arrastá-la para todas aquelas livrarias.

*E para Paul, ainda que ele tenha insistido que o
título deveria ser “Esplêndida na grama”.*

PRÓLOGO

Boston, Massachusetts

Fevereiro de 1816

— **O** senhor está me mandando embora?

Os olhos violeta de Emma Dunster se arregalaram de choque e desalento.

– Não seja tão dramática – retrucou o pai. – É claro que não a estou mandando embora. Você só vai passar um ano em Londres com seus primos.

Emma ficou boquiaberta.

– Mas... por quê?

John Dunster se ajeitou na cadeira, aparentando desconforto.

– Acho que você deveria ver um pouco mais do mundo, só isso.

– Mas eu já estive em Londres. Duas vezes.

– Sim, bem, mas é que agora você está mais crescida.

John pigarreou algumas vezes e se recostou no espaldar.

– Mas...

– Não entendo por que isso está parecendo ser um sacrifício tão grande. Henry e Caroline amam você como se fosse filha deles, e você mesma me disse que gosta mais de Belle e Ned do que dos seus amigos aqui de Boston.

– Mas eles passaram dois meses conosco. Ainda nem deu tempo de eu sentir saudade.

John cruzou os braços.

– Você voltará com eles de navio amanhã, está decidido. Vá para Londres, Emma. Divirta-se um pouco.

Ela estreitou os olhos.

– O senhor está tentando me casar para se livrar de mim?

– É claro que não! Só acho que uma mudança de cenário vai lhe fazer bem.

– Discordo. Eu simplesmente não posso deixar Boston no momento, por milhares de razões.

– É mesmo?

– Sim. Esta casa, por exemplo. Quem vai administrá-la na minha ausência?

John deu um sorriso afetuoso para a filha.

– Emma, moramos em uma casa de doze cômodos. Não são necessários grandes esforços para administrá-la. E estou certo de que a Sra. Mullins tem competência para dar conta de tudo.

– E quanto a todos os meus amigos? Eu não vou aguentar de saudade deles. E Stephen Ramsay vai ficar muito desapontado se eu partir tão subitamente. Acho que ele está prestes a me pedir em casamento.

– Pelo amor de Deus, Emma! Você não dá a mínima para Ramsay. Não dê esperanças ao pobre rapaz só porque não quer ir para Londres.

– Achei que o senhor quisesse que nos casássemos. O pai dele é seu melhor amigo.

John suspirou.

– Quando você tinha 10 anos, talvez eu tenha pensado nessa possibilidade. Mas já naquela época era evidente que vocês não combinam. Você o enlouqueceria em uma semana.

– Sua preocupação com sua filha única me comove – resmungou Emma.

– E ele mataria você de tédio – concluiu John, com carinho. – Só gostaria que Stephen percebesse a inutilidade da ideia. E esse é mais um motivo para você sair da cidade. Se estiver a um oceano de distância, ele finalmente vai procurar uma noiva em outro lugar.

– Eu realmente prefiro Boston.

– Você adora a Inglaterra – retrucou John, beirando a exasperação. – Na última vez que estivemos lá, você não parava de falar sobre quanto havia amado o país.

Emma engoliu em seco e mordeu o lábio, nervosa.

– E a empresa? – perguntou, baixinho.

John suspirou e voltou a se recostar na cadeira. Ali estava, finalmente, a verdadeira razão pela qual Emma se mostrava tão resistente a deixar Boston.

– Emma, o Estaleiro Dunster ainda vai estar aqui quando você voltar.

– Mas ainda tenho tanto que aprender! Como vou assumir o controle da empresa no futuro se não aproveitar para aprender tudo que puder agora?

– Emma, nós dois sabemos que não há outra pessoa para quem eu gostaria de deixar a empresa. Eu construí o Estaleiro Dunster do zero e Deus sabe que quero passá-lo a alguém do meu sangue. Mas precisamos encarar os fatos. A maior parte dos nossos clientes relutaria em fazer negócios com uma mulher. E os empregados não vão querer receber ordens suas. Ainda que você carregue o sobrenome Dunster.

Quase chorando diante da injustiça de tudo aquilo, Emma fechou os olhos. Ela sabia que era verdade.

– Sei que não há ninguém mais adequado do que você para administrar o estaleiro – continuou o pai, carinhosamente –, mas isso não significa que alguém vá concordar comigo. Por mais que isso me enfureça, preciso aceitar que a empresa vai falir com você no comando. Perderíamos todos os nossos contratos.

– Por nenhuma outra razão além do fato de eu ser mulher – comentou Emma, frustrada.

– Lamento, mas sim.

A expressão nos olhos de Emma era clara e terrivelmente séria.

– Algum dia eu vou administrar essa empresa.

– Santo Deus, menina. Você não desiste, hein?

Emma se manteve firme.

John suspirou.

– Eu já lhe contei sobre a ocasião em que você pegou uma forte gripe?

Emma balançou a cabeça, sem entender a súbita mudança de assunto.

– Foi logo depois que a doença levou sua mãe. Você tinha 4 anos, eu acho. Era uma coisinha muito pequenina – disse ele, fitando a filha única com os olhos brilhando de afeto. – Você era muito pequena quando criança... Ainda é, mesmo adulta, mas quando menina... ah, era tão, tão pequenina que achei impossível que tivesse forças para resistir.

Emma se sentou, profundamente comovida com as palavras do pai, que tinha a voz embargada.

– Mas você conseguiu se recuperar – disse ele, de repente. – E então eu me dei conta do que a havia salvado: você simplesmente era teimosa demais para morrer.

Emma não conseguiu conter um sorrisinho.

– E eu era teimoso demais para deixar que você morresse – disse John, endireitando os ombros, como se para afastar o sentimentalismo do momento. – Na verdade, talvez eu seja a única pessoa na face da Terra mais teimosa do que você, filha, portanto é melhor aceitar seu destino.

Emma soltou um gemido de desgosto. Mas era hora de encarar os fatos... não havia como evitar ir para a Inglaterra. Não que uma viagem ao exterior pudesse ser considerada uma punição. Ela adorava os primos. Belle e Ned eram como os irmãos que ela nunca tivera. Mas, mesmo assim, era preciso

pensar nas coisas sérias da vida, e Emma não queria negligenciar o compromisso que se autoimpusera com o Estaleiro Dunster. Ela olhou novamente para o pai – que estava sentado diante da escrivaninha, de braços cruzados e com uma expressão implacável no rosto – e suspirou.

– Tudo bem então.

Emma se levantou para sair do cômodo... para fazer as malas, imaginou, já que partiriam no dia seguinte em um dos navios do pai.

– Mas eu volto.

– Tenho certeza disso. Ah, Emma...

Ela se virou novamente para ele.

– Não se esqueça de se divertir um pouco enquanto estiver lá, viu?

Emma lançou seu sorriso mais travesso para o pai.

– Sinceramente, papai, acha mesmo que eu me negaria o prazer de desfrutar Londres só porque não quero ir?

– É claro que não. Que tolice a minha.

Emma pousou a mão na maçaneta e abriu a porta alguns centímetros.

– Uma temporada social em Londres é uma oportunidade única na vida de uma moça, creio eu. E ela pode muito bem se divertir, mesmo não sendo do tipo social.

– Ah, que maravilha! Conseguiu convencê-la a ir? – exclamou a irmã de John, Caroline, condessa de Worth, ao entrar subitamente no escritório.

– Nunca lhe ensinaram que é falta de educação ouvir a conversa dos outros? – perguntou John, com bom humor.

– Bobagem. Eu estava passando pelo corredor e ouvi a voz de Emma. Ela deixou a porta entreaberta, se não reparou – disse Caroline, voltando-se para a sobrinha. – Mas agora que isso já foi esclarecido, que história é essa de você ter dado um soco no nariz de um ladrão hoje?

– Ah, isso – falou Emma, corando.

– Como é? – perguntou John.

– Ned e Belle estavam discutindo sobre uma bobagem qualquer, como sempre fazem, e ele não percebeu que ia ser furtado. Eu vi o homem tentando pegar a carteira dele.

– E então você deu um soco no ladrão? Não poderia ter apenas gritado?

– Ah, pelo amor de Deus, papai. O que eu teria conseguido com um *grito*?

– Bem, ao menos foi um bom soco?

Emma mordeu o lábio inferior mais uma vez, parecendo tímida.

– Na verdade, acho que quebrei o nariz dele.

Caroline soltou um gemido alto.

– Emma... Você sabe que estou contando ansiosamente com você em Londres na próxima temporada social, certo?

– Eu sei.

Caroline era o mais próximo que Emma tinha de uma mãe. A tia estava sempre tentando fazê-la passar mais tempo na Inglaterra.

– E sabe que eu a amo profundamente e que não desejaria mudar nada em você.

– Sei – falou Emma, hesitante.

– Então espero que não se ofenda se eu disser que, em Londres, jovens damas educadas não saem por aí socando o nariz de figuras repulsivas.

– Ah, tia Caroline, jovens damas educadas também não fazem esse tipo de coisa aqui em Boston.

John riu.

– E, no fim das contas, você conseguiu recuperar a carteira de Ned?

Emma tentou lançar um olhar altivo ao pai, mas não conseguiu conter o esboço de um sorriso.

– É claro.

John abriu um largo sorriso.

– Essa é a minha garota!

CAPÍTULO 1

Londres, Inglaterra

Abril de 1816

— Você tem consciência, é claro, de que o inferno se abaterá sobre nós se a minha mãe nos pegar, certo?

Arabella Blydon examinou a própria roupa com uma expressão cética. Ela e Emma haviam pegado uniformes emprestados com as camareiras – para o desalento das tais camareiras – e, naquele momento, desciam sorrateiramente a escada dos fundos da casa de Belle em Londres.

– O inferno será ainda pior se ela pegar você falando desse jeito – comentou Emma em um tom sarcástico.

– Não me importo nem um pouco. Se eu tiver que supervisionar a confecção de mais um único arranjo de flores para a *sua* festa, vou começar a gritar.

– Acho que dificilmente seria apropriado gritar quando pretendemos descer a escada *sorrateiramente*.

– Ah, cale a boca – resmungou Belle, sem o menor bom humor, descendo outro degrau na ponta dos pés.

Emma olhou ao redor enquanto seguia a prima. A escada dos fundos com certeza era bem diferente da que ela e Belle costumavam usar no saguão principal, que se curvava graciosamente, coberta por luxuosos tapetes persas. Os degraus de madeira encerada da escada dos fundos eram estreitos, e as paredes eram caiadas e sem qualquer decoração. A simplicidade da escada fez Emma se lembrar de sua casa em Boston, que não era decorada no estilo opulento de Londres. A mansão Blydon, localizada na elegante Grosvenor Square, era da família deles havia mais de um século, e era cheia de relíquias inestimáveis e retratos muito ruins dos Blydons anteriores.

Emma voltou a olhar para as paredes nuas e suspirou baixinho enquanto lutava contra uma onda de saudade do pai.

– Não consigo acreditar que estou me esgueirando pela minha própria casa como uma ladra para evitar a minha mãe – resmungou Belle quando chegou à base do primeiro lance de escada e deu a volta para começar a descer o segundo. – Sinceramente, eu preferiria estar enroscada na cama com

um bom livro, mas ela com certeza iria me encontrar lá e me fazer repassar mais uma vez o cardápio.

– Um destino pior do que a morte – sussurrou Emma.

Belle a encarou, irritada.

– Eu já revi aquele maldito cardápio com a minha mãe um milhão de vezes. Se ela me emboscar mais uma vez com perguntas sobre a musse de salmão, ou o pato assado com laranja, acho que não me responsabilizarei pelos meus atos.

– Está vislumbrando a possibilidade de um matricídio?

Belle a olhou de lado mas não respondeu enquanto descia a escada com cautela.

– Cuidado com esse degrau, Emma – sussurrou, apoiando-se na parede.

– Ele range no meio.

Emma seguiu rapidamente o conselho da prima.

– Posso deduzir que você costuma descer essa escada com frequência, certo?

– Eu costumava fazer isso. É bastante oportuno saber como andar por aqui sem que ninguém tenha ideia do que pretendemos fazer. Só não costumo fazer isso vestida como a minha camareira.

– Ora, não poderíamos usar vestidos de seda se vamos ajudar a Cozinheira a preparar toda a comida para a noite.

Belle não pareceu convencida.

– Sinceramente, não acho que ela vá gostar de ter nossa ajuda. A Cozinha é muito tradicional e não acha nem um pouco adequado que a família frequente a cozinha – disse Belle, e abriu a porta da cozinha. – Olá, pessoal. Viemos ajudar.

Todos ficaram horrorizados.

Rapidamente, Emma se virou para a Cozinheira e abriu um largo sorriso, tentando consertar a situação.

– A senhora ficaria feliz em ter quatro mãos extras, não é?

A Cozinheira jogou os braços para o alto e deu um grito de susto, fazendo nuvens de farinha voarem pelo ar.

– O que, em nome de Deus, vocês duas estão fazendo aqui embaixo?

Uma das copeiras parou de sovar a massa por um momento e se arriscou a perguntar:

– Perdão, miladies, mas por que estão vestidas assim?

– Não acho que vocês deveriam estar na minha cozinha – continuou a Cozinheira, levando as mãos aos quadris formidáveis. – Só vão atrapalhar.

Como nenhuma das duas moças mostrou qualquer intenção de sair, a mulher cerrou os dentes e começou a acenar com a colher de pau para elas.

– Caso vocês ainda não tenham percebido, temos muito trabalho extra aqui embaixo. Agora, fora daqui antes que eu chame a condessa.

Belle deu um grito abafado ao ouvir a menção à mãe.

– Por favor, nos deixe ficar, Cozinheira.

Ela estava certa de que a Cozinheira tinha um nome de verdade, mas todos a chamavam assim havia tanto tempo que ninguém lembrava mais qual era o nome dela.

– Prometemos não atrapalhar. Na verdade, tenho certeza de que vamos ser de grande ajuda. E também ficaremos em silêncio.

– Não é certo vocês ficarem aqui embaixo. As senhoritas não têm nada melhor para fazer do que brincar de criadas da cozinha?

– Na verdade, não – respondeu Belle, com sinceridade.

Emma sorriu para si mesma, concordando silenciosamente com a prima. Ela e Belle tinham se metido em uma encrenca após outra desde que haviam chegado, três semanas antes. Não que Emma tivesse a *intenção* de se meter em encrencas. Mas é que parecia haver muito pouco para fazer em Londres. Em Boston, o Estaleiro Dunster a mantinha ocupada. Em Londres, no entanto, cuidar da contabilidade não era visto como um passatempo apropriado para mulheres, e parecia que as jovens damas educadas da cidade não tinham qualquer outro dever a não ser experimentar vestidos e aprender a dançar.

Emma estava profundamente entediada.

Não que estivesse infeliz. Por mais saudade que sentisse do pai, Emma gostava de ser parte de uma família grande. O problema era que em Londres ela não se sentia útil. Ela e Belle haviam começado a ultrapassar alguns limites para se entreterem. Emma sorriu para si mesma, culpada, ao se lembrar das peripécias. Certamente não lhes ocorrera que o gato de rua que haviam levado para casa apenas duas semanas antes pudesse estar infestado de pulgas. Não imaginaram que todo o primeiro andar da mansão Blydon precisaria ser arejado. E Emma realmente não tivera a intenção de permitir que todos da casa dessem uma boa olhada em suas roupas de baixo quando subiu em uma árvore para resgatar aquele mesmo gato.

Na verdade, os parentes deveriam lhe agradecer. Durante a semana em que precisaram se livrar das pulgas na casa, a família toda saiu de Londres e passou dias adoráveis no campo, montando a cavalo, pescando e se entretenendo até altas horas jogando cartas. Emma havia ensinado os parentes a jogar pôquer – em Boston, ela subornara um vizinho para que ele a ensinasse.

Caroline balançara a cabeça e suspirara, dizendo que Emma era uma má influência. Antes da chegada de Emma, Belle era só uma rata de biblioteca. Agora, era uma rata de biblioteca e agitadora.

– Deus do céu – retrucara Emma. – O que é bem melhor do que se fosse apenas agitadora, certo?

Mas Emma sabia que podia testar os limites de Caroline sem se encrencar. O amor da tia por ela era aparente tanto nos agrados quanto nas repreensões, e elas agiam muito mais como mãe e filha do que como tia e sobrinha. Por isso Caroline estava tão empolgada com a apresentação de Emma à sociedade londrina. Embora soubesse que a sobrinha pretendia voltar para junto do pai, torcia secretamente para que Emma se apaixonasse por um inglês e se estabelecesse em Londres. Talvez então John, que fora criado na Inglaterra e por lá vivera até se casar com uma americana, também retornasse à cidade, para ficar perto da irmã e da filha.

Assim Caroline organizara um enorme baile para apresentar Emma à aristocracia inglesa. O evento aconteceria naquela noite, e Emma e Belle haviam fugido para a cozinha porque não queriam ser convocadas para ajudar a resolver as últimas pendências. A Cozinheira, no entanto, não gostou nada da ideia e não parava de repetir que as duas moças só atrapalhariam ali.

– Por favor, não podemos ajudá-la? Está um horror lá em cima – pediu Emma, suspirando. – Ninguém fala de outra coisa a não ser do baile.

– Ora, você vai descobrir que aqui estamos todos falando da mesma coisa, mocinha – retrucou a Cozinheira, balançando o dedo. – Sua tia vai receber quatrocentos convidados hoje à noite, e precisamos cozinhar para todos eles.

– Exatamente por isso a senhora precisa da nossa ajuda. O que gostaria que fizéssemos primeiro? – indagou Belle.

– Eu gostaria que saíssem da minha cozinha antes que a sua mãe encontre vocês aqui! – exclamou a Cozinheira.

As duas já haviam descido para a cozinha antes, mas aquela era a primeira vez que se vestiam com roupas das criadas e se ofereciam para ajudar.

– Mal posso esperar que a temporada social comece e vocês tenham o que fazer – acrescentou a Cozinheira.

– Bem, ela começa hoje à noite – declarou Belle –, com o baile que vai apresentar Emma à aristocracia. Talvez a senhora tenha sorte e apareçam tantos pretendentes que vamos acabar sem tempo para perturbá-la.

– Deus a ouça – murmurou a Cozinheira.

– Mas, por favor – pediu Emma –, tenha piedade de nós. Se não nos deixar ajudá-la aqui, tia Caroline vai nos colocar para fazer arranjos de flores. De novo.

– Por favor – pediu Belle, em tom bajulador. – A senhora sabe que adora mandar em nós.

Era verdade. Belle e Emma realmente alegravam o pessoal que trabalhava na cozinha com suas travessuras. Também animavam a Cozinheira... que só não queria que elas soubessem disso.

– Santo Deus... Está bem – resmungou a Cozinheira. – Imagino que vocês vão me atormentar a manhã toda se eu não ceder, suas diabinhas. Mas estou agindo contra o meu bom senso. Vocês deveriam estar lá em cima se arrumando, e não zanzando pela minha cozinha.

– Mas a senhora adora a nossa encantadora companhia, não é mesmo, Cozinheira? – perguntou Belle, com um sorriso.

– Encantadora companhia, hum, até parece – resmungou a mulher enquanto pegava um saco de açúcar na despensa. – Estão vendo aquelas tigelas em cima da bancada? Quero seis xícaras de farinha em cada uma delas. E duas xícaras de açúcar. Sejam cuidadosas e não atrapalhem os outros, hein?

– Onde está a farinha? – perguntou Emma, olhando ao redor.

A Cozinheira suspirou e já estava prestes a voltar a entrar na despensa quando se deteve.

– Prestem atenção, vocês duas. Se estão tão dispostas a fazer o meu trabalho, levantem *vocês mesmas* aqueles sacos grandes de farinha.

Emma riu enquanto trazia com facilidade o saco até Belle, que estava medindo o açúcar.

Belle riu também.

– Graças a Deus escapamos de mamãe. Ela provavelmente iria querer que já começássemos a nos arrumar, e ainda faltam oito horas para o baile.

Emma assentiu. Mas, para ser sincera, ela estava bastante empolgada para o seu primeiro baile em Londres, ansiosa para colocar em uso o que

aprendera nas aulas de etiqueta e de dança. Mas tia Caroline, muito perfeccionista, não parava de distribuir ordens para todo lado como um general do Exército. Depois de semanas de escolha de vestidos, flores e músicas, nem Emma nem Belle queriam ser vistas em nenhum local próximo ao salão de baile enquanto a condessa deixava tudo a seu gosto. A cozinha era o último lugar onde Caroline procuraria por elas.

Enquanto mediam o açúcar e a farinha, Belle se virou para Emma, os olhos azuis muito sérios.

– Está nervosa?

– Por causa de hoje à noite?

Belle assentiu.

– Um pouco. Vocês, ingleses, podem ser um tanto assustadores, sabe, com todas as suas regras de comportamento e de etiqueta.

Belle deu um sorriso solidário para a prima e afastou uma mecha de cabelos ruivos dos olhos dela.

– Você vai se sair bem. Tem autoconfiança. Sei por experiência própria que se agir como quem sabe o que faz, as pessoas acreditam em você.

– Sabichona – falou Emma, com carinho. – Você lê demais.

– Eu sei. E isso ainda será a minha ruína. Jamais vou arrumar um marido se passar o tempo todo com o nariz enfiado em um livro – disse Belle, revirando os olhos em um horror fingido.

– Sua mãe disse isso?

– Sim, mas ela tem boa intenção, você sabe. Mamãe jamais me obrigaria a casar só por casar. Ela me deixou recusar um pedido de casamento do conde de Stockton no ano passado, e ele foi considerado o melhor partido da temporada.

– O que havia de errado com ele?

– O conde pareceu ter ficado preocupado demais com o fato de eu gostar de ler.

Emma sorriu enquanto derramava mais farinha nas tigelas.

– Ele me falou que ler não era apropriado para o cérebro feminino – continuou Belle. – Disse que dava ideias às mulheres...

– Ah, que Deus não permita que tenhamos ideias, não é mesmo?

– Eu sei, eu sei. Mas ele disse que eu não me preocupasse, que estava certo de que conseguiria acabar com esse meu hábito depois que nos casássemos.

Emma lançou um olhar de soslaio para a prima.

– Você deveria ter perguntado ao conde se ele achava que você conseguiria acabar com o hábito dele de ser tão arrogante.

– Tive vontade, mas não perguntei.

– Eu teria perguntado.

– Eu sei – disse Belle, sorrindo para Emma. – Você tem um talento especial para falar o que lhe vem à cabeça.

– Isso é um elogio?

Belle pensou na pergunta por um instante antes de responder.

– Acho que sim. Ruivas não estão muito na moda atualmente, mas prevejo que você... e essa sua boca escandalosa... serão um sucesso tão grande que no mês que vem eu serei informada... pelas Pessoas Que Informam... de que cabelos ruivos passaram a ser a última moda e se isso não é uma sorte para a minha pobre prima que teve a má sorte de nascer na América.

– Por algum motivo, duvido, mas é muito gentil da sua parte dizer isso.

Emma sabia que não era tão encantadora quanto Belle, mas estava satisfeita com a própria aparência, e decidira muito tempo antes que se não podia ser uma beldade, ao menos seria fora do comum. Certa vez, Ned a chamara de camaleão, dizendo que os cabelos da prima mudavam de cor cada vez que ela balançava a cabeça. Bastava um fecho de luz para fazer com que os cachos parecessem em chamas. E os olhos, normalmente de um tom claro de violeta, ficavam nublados e perigosamente escuros quando Emma estava furiosa.

Ela jogou um pouco de farinha na última tigela e limpou as mãos no avental.

– Cozinheira! – chamou. – E agora? Já medimos toda a farinha e o açúcar.

– Ovos. Quero três em cada tigela. E sem nem um pedacinho de casca, ouviram? Se eu encontrar casca de ovo nos meus bolos, vou deixá-los aqui na cozinha e servir a cabeça de vocês no lugar.

– Nossa, ela está nervosa hoje, hein? – comentou Belle, com uma risadinha.

– Eu ouvi isso, mocinha! Não pense que não! E não vou aceitar brincadeiras. Se vão ficar na minha cozinha, ao trabalho!

– Onde a senhora guarda os ovos? – perguntou Emma enquanto investigava a caixa onde eram guardados os insumos perecíveis. – Não estou achando em lugar algum.

– Ora, então não deve estar procurando direito. Eu sabia que vocês duas não tinham noção de como é uma cozinha.

A Cozinheira foi pisando firme até onde elas estavam e abriu a caixa. No entanto, sua busca se provou tão infrutífera quanto a de Emma.

– Ora, vejam só... Estamos sem ovos – disse ela, e então, furiosa, gritou:
– Quem foi a tola que se esqueceu de pegar ovos no mercado?

Não foi surpresa o fato de ninguém ter levantado a mão.

A Cozinheira olhou lentamente ao redor e seu olhar finalmente pousou em uma jovem copeira que estava debruçada sobre uma pilha de frutas vermelhas.

– Mary – chamou. – Já terminou de lavar isso?

Mary enxugou as mãos no avental.

– Não, senhora, ainda tenho baldes delas para lavar. Nunca vi tantas frutas vermelhas.

– Susie?

Susie estava com os braços enfiados até os cotovelos na água com sabão enquanto lavava apressadamente a louça.

Emma olhou ao redor. Havia mais de dez pessoas na cozinha, e todas pareciam absurdamente ocupadas.

– Ora, que beleza – resmungou a Cozinheira. – Preciso cozinhar para quatrocentas pessoas e não tenho ovos. E não há um par de mãos livre para ir buscá-los.

– Eu posso ir – ofereceu-se Emma.

Tanto Belle quanto a Cozinheira a encararam com expressões que ficavam em algum lugar entre o choque e o horror.

– Está louca? – perguntou a Cozinheira.

– Emma, isso simplesmente não se faz – disse Belle ao mesmo tempo.

Emma revirou os olhos.

– Não, não estou louca. E por que não posso ir ao mercado? Sou perfeitamente capaz de escolher alguns ovos. Além do mais, gostaria de um pouco de ar fresco. Passei a manhã toda presa dentro de casa.

– Mas alguém pode vê-la – protestou Belle. – E você está coberta de farinha, pelo amor de Deus!

– Belle, ninguém me conhece. Como alguém saberia quem eu sou?

– Mas você não pode sair por aí em um uniforme de criada.

– Este uniforme é exatamente o que me faz *poder* sair – explicou Emma com paciência. – Se eu usar um dos meus vestidos, todos vão se perguntar o que uma dama da aristocracia está fazendo na rua sem acompanhante,

isso sem mencionar o fato de estar indo ao mercado comprar ovos. Mas ninguém vai sequer olhar para mim se eu estiver vestida como uma criada. *Você* certamente não pode me acompanhar; você, sim, seria reconhecida em um segundo.

Belle suspirou.

– Mamãe me mataria.

– Então veja... se a Cozinheira precisa da ajuda de todas as criadas na cozinha, eu sou a única solução.

Sentindo o cheiro da vitória, Emma sorriu. Belle não estava convencida.

– Não sei, Emma. Isto é muito errado, deixar você sair sozinha.

Emma soltou um suspiro exasperado.

– Veja, vou prender o meu cabelo bem para trás, como as nossas criadas fazem – disse ela, arrumando rapidamente o cabelo em um coque. – E vou derramar um pouco mais de farinha no uniforme. E talvez sujar um pouco o rosto com ela.

– Já basta – interveio a Cozinheira. – Não precisamos desperdiçar a minha boa farinha.

– Então, Belle? – perguntou Emma. – O que acha?

– Não sei. Mamãe não vai gostar nem um pouco disso.

Emma aproximou bem o rosto do da prima.

– Ela não vai ficar sabendo, vai?

– Ah, que seja então... – disse Belle, rendendo-se, e virou para todas as criadas na cozinha, balançando o dedo. – Nem uma palavra sobre isso para mamãe. Todas entenderam?

– Não gosto nada disso – manifestou-se a Cozinheira. – Nada mesmo.

– Bem, não temos escolha, não é? – argumentou Emma. – Não se a senhora quiser servir bolos no baile. Agora, por que não coloca Belle para trabalhar espremendo aqueles limões? Prometo que estarei de volta antes mesmo que percebam que saí.

E, com isso, Emma pegou algumas moedas da mão da Cozinheira e saiu pela porta.

Chegando à rua, respirou fundo o ar fresco de primavera. Liberdade! Era tão bom escapar do confinamento da casa dos primos de vez em quando. E, vestida como criada, poderia caminhar sem ser notada. Depois do baile, nunca mais conseguiria deixar a mansão Blydon sem estar acompanhada.

Emma dobrou a última esquina antes de chegar ao mercado. Foi cami-

nhando lentamente pela calçada, parando para olhar a vitrine de cada loja. Como havia imaginado, ninguém dentre as damas e os cavalheiros que passaram por ela lançou mais do que um rápido olhar na direção da criada pequena e ruiva, coberta de farinha.

Ela cantarolava alegremente quando entrou no mercado cheio e comprou várias dúzias de ovos. Era um pouco difícil carregá-los, mas Emma teve o cuidado de não fazer careta. Uma copeira estaria acostumada a carregar aquele tipo de compra, e Emma não queria estragar o disfarce. Além do mais, ela era bem forte e estava a apenas cinco quarteirões de casa.

Emma sorriu para o vendedor, se despedindo com um aceno de cabeça.

– Muito obrigada, senhor.

Ele devolveu o sorriso.

– Ora, você é nova por aqui? Fala como se tivesse acabado de chegar das Colônias.

Os olhos de Emma se arregalaram de surpresa. Não havia esperado ter que responder às perguntas do vendedor.

– Ah, sim, eu cresci lá, mas já moro em Londres há muitos anos – mentiu.

– Ora, eu sempre quis conhecer a América – disse ele.

Emma gemeu por dentro. O homem parecia disposto a ter uma longa conversa, e ela realmente precisava voltar correndo para casa, antes que Belle começasse a se preocupar. Por isso começou a recuar na direção da porta, sorrindo o tempo todo.

– Volte sempre, mocinha. Para quem você disse que trabalha?

Mas Emma já havia saído correndo pela porta, fingindo não ter ouvido a pergunta. A meio-caminho de casa, sentia-se animada e assoviava, feliz, certa de ter encenado sua farsa sem deixar pistas. Caminhava lentamente, ansiosa para prolongar sua pequena aventura. Além do mais, estava gostando de observar os londrinos cuidando de seus afazeres diários. Com o uniforme de criada, ninguém prestava atenção nela, assim podia olhar para tudo sem o menor pudor, desde que desviasse os olhos se alguém a olhasse de volta.

Emma esticou o pescoço para ver um menininho adorável, de 5 ou 6 anos, que descia de uma carruagem elegante, puxada por uma parelha de cavalos idênticos. Ele carregava um filhotinho de cocker spaniel e fazia carinho na cabecinha do bicho. O cãozinho preto e branco retribuiu o afeto lambendo o rosto do menino, que deixou escapar uma risadinha aguda. Nesse momento, a mãe dele enfiou a cabeça para fora da carruagem para

ver o que estava acontecendo. Era uma mulher linda, de cabelos escuros e olhos verdes, que cintilavam com um amor evidente pelo filho.

– Não saia daí, Charlie – disse ela ao menino. – Estarei com você em um instante.

A mulher se virou para dentro da carruagem, provavelmente para falar com alguém. O menino de cabelos escuros revirou os olhos e ficou mudando o peso do corpo de um pé para o outro enquanto esperava a mãe.

– Mamãe – pediu –, anda logo.

Emma sorriu ao ouvir a impaciência óbvia na voz dele. Pelo que o pai lhe contara, ela fora exatamente daquele jeito quando pequena.

– Só um minuto, danadinho. Já vou descer.

E então um gato malhado atravessou correndo a rua. O cachorrinho subitamente soltou um latido alto e pulou dos braços de Charlie, para perseguir o gato pela rua.

– Wellington! – gritou Charlie, e saiu em disparada atrás do cachorro.

Emma ficou sem ar. Um coche de aluguel descia a rua e o condutor, concentrado na conversa com o homem sentado ao seu lado, não estava prestando a menor atenção à sua frente. Charlie seria esmagado sob os cascos dos cavalos.

Emma gritou e não parou para pensar antes de largar os ovos e atravessar a rua correndo. Quando estava a poucos metros do menino, mergulhou no ar, rezando para conseguir impulso suficiente para derrubá-lo e sair do caminho com ele antes que os dois fossem atropelados pelo coche.

Charlie gritou, sem entender por que uma mulher estranha havia se jogado em cima dele e caído ao seu lado.

Pouco antes de atingir o chão, Emma ouviu mais gritos.

Depois disso, veio a escuridão.

CAPÍTULO 2

Emma ouviu vozes antes de abrir os olhos.

– Ah, Alex! – disse uma voz chorosa de mulher. – E se essa mocinha não estivesse aqui? Charlie teria sido atropelado! Sou uma péssima mãe. Deveria ter tomado conta dele com mais atenção. Nunca deveria tê-lo deixado sair da carruagem antes de mim. Temos que voltar para casa. No interior ele não se mete em tanta confusão.

– Não, Sophie – disse uma voz masculina, firme. – Você *não* é uma péssima mãe. Mas precisa parar de gritar antes que apavore essa pobre moça.

– Ah, sim, é claro – concordou Sophie, mas em um instante estava soluçando de novo. – Não consigo acreditar que isso aconteceu. Se Charlie tivesse se machucado, eu não sei o que faria. Simplesmente morreria. É sério. Eu definharia e morreria.

O homem suspirou.

– Sophie, por favor, se acalme. Está me ouvindo? Charlie está bem. Deve ter sofrido no máximo um arranhão. Só temos que nos dar conta de que ele está crescendo, e de que precisamos ficar mais atentos.

Emma gemeu baixinho. Ela sabia que devia demonstrar que havia recuperado a consciência, mas, para ser sincera, suas pálpebras pareciam terrivelmente pesadas e a cabeça latejava.

– Ela está recobrando os sentidos? – perguntou Sophie. – Ah, Alex, não sei como agradecer a ela. Que mocinha corajosa. Talvez eu deva contratá-la. Talvez as pessoas para quem ela trabalha no momento não a tratem com gentileza. Partiria o meu coração saber que ela é maltratada.

Alexander Edward Ridgely, o duque de Ashbourne, suspirou. Sophie, sua irmã, sempre falara muito, mas parecia ficar ainda mais tagarela quando estava nervosa ou aborrecida.

Foi então que Charlie falou.

– O que aconteceu, mamãe? Por que você está chorando?

A voz de Charlie só serviu para fazer Sophie chorar ainda mais.

– Ah, meu bebê – disse ela aos soluços, puxando o filho contra o peito.

Sophia segurou o rosto dele entre as mãos e começou a cobri-lo de beijos estalados.

– Mamãe! Pare com isso! Vai me deixar todo molhado!

Charlie tentou se desvencilhar do abraço da mãe, mas ela o apertou com mais força até ele sussurrar, irritado:

– Mamãe, o tio Alex vai pensar que eu sou um *fracote*!

Alex riu.

– De jeito nenhum, Charlie. Não prometi que ensinaria você a jogar uíste? Você sabe que não jogo cartas com fracotes.

Charlie assentiu com todo o vigor enquanto a mãe o soltava repentinamente.

– Você está ensinando o meu filho a jogar uíste? – perguntou ela, entre soluços. – Sinceramente, Alex, ele só tem 6 anos!

– Na minha opinião, nunca se é jovem demais para aprender. Certo, Charlie?

O menino abriu um largo sorriso com vários dentes faltando.

Sophie suspirou alto, desanimada com o esforço de sempre ter que manter a mão feminina firme sobre o irmão e o filho.

– Vocês são dois patifes. Isso mesmo, patifes.

Alex riu.

– É claro, somos parentes.

– Eu sei, eu sei. E lamento. Mas já chega de falar sobre jogos de cartas. Precisamos cuidar dessa pobre moça. Você acha que ela vai ficar bem?

Alex pegou a mão de Emma e sentiu seu pulso. Estava forte e firme.

– Acho que sim.

– Graças a Deus.

– Mas vai acordar com uma dor de cabeça dos infernos amanhã.

– Alex, olhe o linguajar!

– Sophie, pare de tentar bancar a puritana. Não combina com você.

Sophie deu um sorrisinho.

– Não, acho que não mesmo. Mas tenho que dizer alguma coisa quando você pragueja.

– Se sente uma necessidade tão forte de dizer alguma coisa, por que não pragueja também?

Em meio a esses gracejos, Emma deixou escapar um gemido baixo.

– Ah, meu Deus! – exclamou Sophie. – Ela está voltando a si.

– Quem é ela? – perguntou Charlie, de repente. – E por que ela pulou em cima de mim?

Sophie encarou o filho, boquiaberta.

– Não acredito que você acabou de dizer isso. Você, meu caro menino, quase foi atropelado por um coche. Se essa moça bondosa não tivesse se jogado, você teria sido pisoteado pelos cavalos!

Charlie fitou a mãe, boquiaberto.

– Achei que ela talvez fosse um pouco louca.

– O quê? – perguntou Sophie, com um gritinho agudo. – Você não viu o coche? É, vejo que vai ter que aprender a ser mais cuidadoso.

A voz alta de Sophie estava fazendo a cabeça de Emma latejar ainda mais. Ela gemeu de novo, desejando que aquelas pessoas lhe dessem ao menos um minuto de silêncio.

– Quieta, Sophie – repreendeu Alex. – Seus gritinhos obviamente estão incomodando a moça. Ela precisa de um pouco de silêncio para que a dor de cabeça que deve estar sentindo amenize e ela consiga abrir os olhos.

Emma suspirou. Felizmente havia ao menos uma pessoa com bom senso naquela carruagem.

– Eu sei, eu sei. Estou tentando. Estou, sim. Só que...

– Soph – interrompeu Alex –, por que não vai ao mercado comprar alguns ovos para repor os que a moça deixou cair? Olhe só a bagunça ali, parece que quase todos estão quebrados.

– Você quer que eu vá comprar ovos?

Sophie ergueu as sobrancelhas diante de uma ideia tão improvável.

– Não pode ser assim *tão* difícil comprar ovos, Sophie. Pelo que sei, as pessoas fazem isso todos os dias. Vi um mercado alguns quarteirões atrás. Leve o cocheiro com você. Ele carregará os ovos até aqui.

– Não sei se é adequado que você fique sozinho com ela dentro da carruagem.

– Sophie – falou Alex entre dentes. – Ela é uma copeira. Ninguém vai exigir que eu me case com ela depois de passarmos alguns minutos sozinhos em uma carruagem. Pelo amor de Deus, *vá comprar os benditos ovos!*

Sophie recuou. Sabia que não devia provocar demais o humor do irmão mais velho.

– Ah, tudo bem, tudo bem.

Ela se virou e desceu com elegância da carruagem.

– Leve Charlie com você! – falou Alex. – E fique de olho nele dessa vez! Sophie mostrou a língua para o irmão e pegou a mão de Charlie.

– Muito bem, Charlie – disse ela. – Você sempre precisa olhar para os dois lados antes de atravessar uma rua. Veja como eu faço.

Sophie virou o pescoço com exagero em todas as direções. Charlie riu alto e ficou pulando.

Alex sorriu e se virou para a criada, que estava recostada contra o assento acolchoado da carruagem. Ele não conseguira acreditar nos próprios olhos ao vê-la atravessar a rua correndo e se jogar em cima de Charlie para afastá-lo do caminho do coche. Bravura não era algo que Alex estava acostumado a ver em mulheres, mas aquela jovem criada misteriosa acabara de demonstrar exatamente isso. Ele estava interessado nela, tinha que admitir. E não sabia bem por quê. A moça com certeza não era do tipo que costumava chamar sua atenção. Bem, ele na verdade não tinha um “tipo” no que se referia a mulheres, mas, se tivesse, tinha quase certeza de que aquela ruiva pequenina não se encaixaria. Ainda assim, Alex podia dizer que a moça não era nada parecida com as mulheres com quem costumava se relacionar. Com certeza não conseguia imaginar as jovens da aristocracia – que a mãe estava constantemente empurrando para cima dele – arriscando a vida para salvar Charlie. E o mesmo valia para as mulheres maduras com quem ele passava as noites. Aquela mulher incomum o intrigava.

Depois de bater com a cabeça com um estrondo doloroso, ela agora estava inconsciente. Alex baixou o rosto e afastou dos olhos dela um cacho dos macios cabelos ruivos. Ela gemeu de novo, e Alex decidiu que nunca ouvira um som tão doce e delicado.

Maldição, o que havia de errado com ele? Sabia que não deveria se envolver romanticamente com uma criada. Desprezando as emoções primitivas que percorriam seu corpo, Alex soltou um gemido. Não poderia negar que, por algum motivo, aquela jovem o afetara profundamente. Ele sentira o coração disparar no momento em que a vira deitada, aparentemente morta, na rua. E não se acalmara até ter certeza de que ela não estava gravemente ferida. Depois de examiná-la em busca de alguma fratura, ele a pegou no colo e acomodou-a gentilmente no assento da carruagem. A moça era pequena e leve, e se encaixou perfeitamente contra o corpo grande dele.

Sophie, é claro, chorara o tempo todo. Graças a Deus ele conseguira convencer a irmã a ir comprar mais ovos. As lágrimas e os soluços dela quase o

deixaram louco, e, o mais importante, ele queria estar sozinho com a criada quando ela acordasse.

Alex se ajoelhou no chão ao lado dela.

– Vamos, meu bem – disse ele, pressionando os lábios com gentileza contra a têmpora dela. – Está na hora de abrir os olhos. Estou louco para ver de que cor eles são.

Emma gemeu de novo quando sentiu uma mão grande acariciando seu rosto. A dor latejante em sua cabeça começou a ceder, e ela deixou escapar um suspiro de alívio. Então abriu lentamente as pálpebras e por um instante o brilho do sol que entrava pelas janelas da carruagem a cegou.

– Aaaah – gemeu ela, e fechou os olhos com força.

– A luz a incomoda?

Alex ficou de pé na mesma hora e baixou as cortinas. E voltou imediatamente para o lado dela.

Emma soltou outro longo suspiro e abriu um pouco os olhos. E logo arregalou-os. Havia um homem fitando-a atentamente, o rosto moreno a poucos centímetros do dela. Um cacho de cabelos negros caía de forma jovial sobre sua testa. Emma sentiu vontade de tocá-los para conferir se eram tão macios quanto pareciam. E então ele tocou novamente o rosto dela.

– Você nos deu um susto e tanto, sabia? Esteve inconsciente por quase dez minutos.

Emma o encarou sem compreender, ainda incapaz de formular uma frase coerente. A culpa era daquele homem, pensou... ele era bonito demais e estava próximo demais.

– Consegue falar, meu bem?

Emma abriu a boca. “Verdes” foi a única palavra que saiu.

Que sorte a minha, pensou Alex. A criada de cozinha mais linda de toda Londres aterrissa na minha carruagem, e é completamente louca. Os olhos dele se estreitaram enquanto a fitava mais atentamente e Alex perguntou:

– O que você disse?

– Seus olhos são verdes – disse ela, com a voz estrangulada.

– Sim, eu sei. Eles são dessa cor há décadas, na verdade. Desde que eu nasci, imagine só.

Emma fechou os olhos com força. Santo Deus, ela realmente acabara de dizer àquele homem que os olhos dele eram verdes? Que coisa absurdamente estúpida para se dizer. É claro que ele sabia qual era a cor dos próprios olhos.

As damas provavelmente se aglomeravam ao redor dele para elogiar aqueles olhos verdes lindos e cativantes. Mas o homem estava tão perto e a encarava com tanta intensidade, com um olhar absolutamente hipnotizante... Emma decidiu que imputaria sua idiotice momentânea à dor de cabeça.

Alex riu.

– Ora, devemos ficar gratos por seu acidente não ter deixado você cega. Agora, acha que é capaz de me dizer o seu nome?

– Emm... ahn – Emma tossiu para disfarçar a hesitação. – Meg. Meu nome é Meg.

– É um prazer conhecê-la, Meg. O meu é Alexander Ridgely, mas pode me chamar de Alex. Ou, se preferir, Ashbourne, como me chamam muitos dos meus amigos.

– Por quê?

A pergunta escapou antes que Emma conseguisse se conter. Criadas de cozinha não deveriam fazer esse tipo de pergunta.

– Na verdade, é o meu título. Sou o duque de Ashbourne.

– Ah.

– Você tem um sotaque interessante, Meg. Por acaso veio das Colônias?

Emma fez uma careta. Havia poucas coisas que odiava mais do que ouvir os ingleses se referirem ao país dela como as “Colônias”.

– Venho dos Estados Unidos da América – disse ela com atrevimento, esquecendo-se novamente do seu disfarce de criada de cozinha. – Já somos independentes há várias décadas e não devem se referir a nós como sendo colônias *suas*.

– Muito bem corrigido. Você está absolutamente certa, minha cara, e devo dizer que fico feliz ao ver que você já recuperou parte da vivacidade.

– Perdão, Vossa Graça – disse Emma, baixinho. – Não deveria ter falado dessa forma com o senhor.

– Ora, Meg, não faça papel de acanhada comigo. Posso ver que não há um único osso frágil no seu corpo. Além do mais, acho que você pode falar comigo da forma que quiser depois de ter salvado a vida do meu sobrinho.

Emma estava pasma. Ela havia se esquecido completamente do menino.

– Ele está bem? – perguntou, ansiosa.

– Está, não precisa se preocupar com Charlie. É com você que estou preocupado, meu bem.

– Estou bem, de verdade. Acho... acho que preciso voltar agora.

Santo Deus, ele estava acariciando o rosto dela de novo, e Emma com certeza não conseguia manter um único pensamento no lugar quando aquele homem a tocava. Ela continuou com os olhos fixos nos lábios carnudos do duque, imaginando como seria senti-los nos próprios lábios. Então gemeu e enrubesceu ao se dar conta dos pensamentos escandalosos.

Alex ouviu o som na mesma hora, e seus olhos ficaram nublados de preocupação.

– Tem certeza de que não está se sentindo tonta, meu bem?

– Acho que o senhor não deveria me chamar de “meu bem”.

– Ah, acho que deveria.

– Não é nem um pouco adequado.

– Raramente ajo de forma adequada, Meg.

Emma mal teve tempo de digerir aquelas palavras antes que ele demonstrasse claramente como era capaz de ser inapropriado. Faltou-lhe o ar quando sentiu os lábios do homem capturando os dela em um beijo suave. Durou apenas um breve instante, mas foi o bastante para que todo o ar se esvaísse dos pulmões de Emma, deixando sua pele quente e formigando. Ela ficou olhando para Alex sem entender, subitamente insegura de si mesma e da estranha sensação que dominara seu corpo.

– Isso é só um gostinho do que ainda está por vir, meu bem – sussurrou Alex em um tom apaixonado contra a boca de Emma.

Ele levantou a cabeça e olhou dentro dos olhos dela. Viu apreensão e confusão no rosto da jovem e na mesma hora ficou horrorizado com seu comportamento atrevido. Alex se afastou rapidamente dela e sentou-se no banco acolchoado do outro lado da carruagem. Sua respiração estava acelerada e irregular. Não conseguia se lembrar de alguma vez ter ficado tão abalado com um único beijo. E tinha sido um beijo curto, rápido. Seus lábios mal haviam tocado os de Meg. Ainda assim, o desejo disparava por suas veias e tudo o que ele queria fazer era... bem, era melhor nem *pensar* no que queria fazer, porque estava certo de que acabaria se sentindo ainda pior.

Alex levantou o olhar e viu Meg encarando-o com olhos arregalados e inocentes. Diabos, ela provavelmente desmaiaria se conseguisse ler os pensamentos dele. Ele não tinha nada que se envolver com uma moça como aquela, que mal devia ter 16 anos. Alex praguejou baixinho. Ela provavelmente ia à igreja aos domingos.

Emma começou a se sentar, esfregando as têmporas ao sentir uma onda de tonteira atingi-la.

– Acho que devo ir para casa – falou ela.

Emma pôs os pés no piso da carruagem enquanto estendia a mão para a porta. Os primos haviam lhe dito que as ruas de Londres eram perigosas, mas ninguém lhe avisara dos perigos que se escondiam dentro da carruagem de um nobre.

Alex segurou-a pelo pulso antes que ela alcançasse a maçaneta. E, gentilmente, fez com que ela se recostasse de volta no assento, acomodando-a sentada.

– Você não vai a lugar algum. Acabou de bater com a cabeça, e provavelmente acabaria desmaiando pelo caminho. Vou levar você de volta agorinha mesmo. Além do mais, minha irmã foi comprar mais alguns ovos para você. Precisamos esperar que ela volte.

– Os ovos – disse Emma com um suspiro, e levou a mão à testa. – Eu tinha me esquecido. A Cozinheira vai me matar.

Os olhos de Alex se estreitaram imperceptivelmente. Será que Sophie tinha razão ao temer por ela? Meg seria maltratada na casa da família que a empregava? Ele não ficaria impassível vendo uma jovem delicada como ela ser exposta à crueldade. Ele mesmo a contrataria antes de permitir que ela retornasse a uma vida de sofrimento.

Alex gemeu quando uma nova onda de desejo disparou por seu corpo. É claro que não poderia contratá-la. Em poucos dias a moça terminaria na cama dele. Sophie estava certa. Meg deveria ir trabalhar para ela, onde estaria protegida de tipos como ele. Santo Deus, ele estava espantado com o próprio cavalheirismo. Já fazia muito tempo desde que sentira qualquer preocupação por qualquer mulher, a não ser, é claro, a mãe e a irmã, a quem adorava.

Era bem sabido por toda Londres que Alex era um solteiro convicto. Ele sabia que teria que se casar em algum momento, mesmo que fosse só para produzir um herdeiro, mas não via razão para apressar esse sacrifício. Mantinha distância de todas as damas da aristocracia, preferindo a companhia de cortesãs e de cantoras de ópera. Tinha pouca paciência para a maior parte da elite social de Londres e não confiava nem um pouco nas mulheres. Ainda assim, as damas se aglomeravam ao seu redor nos poucos eventos sociais a que comparecia, encarando seus modos indiferentes e

seu cinismo como um desafio. Alex raramente tinha pensamentos gentis a respeito de qualquer uma delas. Se uma dama bem-nascida flertava com ele, Alex presumia que ela era extremamente tola ou que sabia exatamente o que – ou, melhor, quem – ela queria. Ele ocasionalmente ia para a cama com todas, mas nada além disso.

Alex levantou a cabeça e viu que Meg ainda estava sentada muito ereta, os olhos fixos modestamente nas próprias mãos cruzadas no colo.

– Não precisa ficar tão assustada, Meg. Não vou beijá-la de novo.

Foi a vez dela de levantar a cabeça e encará-lo com os olhos violeta muito abertos. Emma não sabia o que dizer. No momento, duvidava sinceramente de sua capacidade de formar uma frase coerente.

– Eu disse que você não precisa ter medo, Meg – repetiu Alex. – A sua virtude está a salvo comigo... ao menos pelos próximos minutos.

Ela ficou boquiaberta diante da audácia dele. Então, ofendida, cerrou os lábios e desviou os olhos.

Alex gemeu internamente de novo enquanto observava aqueles lábios cheios. Deus, ela era linda. Os cabelos, que haviam cintilado, muito vermelhos, sob a luz do sol, agora que as janelas estavam fechadas pareciam de um vermelho escuro. E os olhos... primeiro, Alex achou que fossem azuis, depois violeta, mas agora pareciam negros.

Emma tinha a sensação de que estava prestes a explodir, tensa com a arrogância do homem à sua frente. Ela respirou fundo algumas vezes, tentando conter o temperamento que já a tornara famosa em duas casas, em dois continentes. Mas perdeu a batalha.

– Realmente não acho que deveria falar comigo desse modo escandaloso. É muito injusto da sua parte tirar vantagem da minha condição vulnerável de forma tão lasciva, principalmente levando em conta que a *única* razão pela qual estou sentada aqui com um inchaço na cabeça... isso sem mencionar o fato de estar diante do homem mais rude que já tive a infelicidade de conhecer... é que estava prestando atenção no seu sobrinho tendo em vista que o senhor e a sua irmã foram descuidados demais para tomar conta dele direito.

Emma se recostou, satisfeita com o próprio discurso, e encarou-o com uma expressão dura.

Alex ficou impressionado com aquelas palavras, mas teve o cuidado de não demonstrar surpresa.

– Você tem um excelente vocabulário, Meg – comentou, lentamente. – Onde aprendeu a falar tão bem?

– Não é da sua conta – retrucou Emma enquanto tentava desesperadamente inventar uma história crível.

– Mas estou terrivelmente interessado. Poderia me contar um pouquinho do seu passado?

– Se quer mesmo saber, minha mãe trabalhou como ama de três crianças. O pai e a mãe delas eram muito gentis e permitiram que eu assistisse às aulas com eles.

Sim, aquilo parecia bom.

– Entendo. Muito generoso da parte deles.

Emma suspirou e revirou os olhos diante do sarcasmo dele.

– Alex – chamou uma voz aguda. – Voltei! Compramos duas dúzias de ovos. Espero que seja o bastante.

Duas dúzias! O coração de Emma afundou no peito. Ela não conseguiria carregar sozinha aqueles ovos todos. Agora, teria que deixar o duque levá-la para casa de carruagem.

A porta do veículo foi aberta e o rosto de Sophie apareceu.

– Ah, você está acordada! – exclamou, olhando para Emma e pegando suas mãos com força. – Não sei se algum dia serei capaz de lhe agradecer. – Se eu puder ajudá-la de algum modo, por favor, me diga como. O meu nome é Sophie Leawood, condessa de Wilding, e estarei em débito com você para sempre. Tome – disse ela, e enfiou um cartão na mão de Emma –, fique com isto. É o meu endereço. Você pode aparecer a qualquer hora, de dia ou de noite, se porventura precisar de alguma coisa.

Emma só conseguiu fitá-la enquanto a mulher de olhos verdes à sua frente parava para tomar fôlego.

– Ah, meu Deus – continuou Sophie. – Onde estão os meus modos? Qual é o seu nome?

– O nome dela é Meg – respondeu Alex, tranquilamente. – E ela não parece inclinada a nos dizer seu sobrenome.

Emma ficou irritada. Ele nem sequer perguntara qual era o sobrenome dela.

– Não tem problema, minha querida – falou Sophie. – Você não tem que nos dizer nada que não queira...

Emma olhou para Alex com uma expressão triunfante.

– ... desde que se lembre de que serei sua amiga pelo resto da vida, e que pode contar comigo para tudo.

– Muito obrigada, milady – disse Emma, baixinho. – Vou me lembrar disso. Mas realmente gostaria de voltar para casa. Já estou fora há algum tempo e a Cozinheira deve estar se perguntando onde eu me meti.

– Talvez você possa nos dizer onde trabalha – falou Alex.

Por um instante, Emma o encarou sem entender.

– Você trabalha *mesmo* em algum lugar? Não estava planejando comer esses ovos sozinha, não é?

Ah, maldição, ela havia se esquecido de novo do disfarce.

– Hum, trabalho para o conde e a condessa de Worth.

Alex sabia o endereço e instruiu o cocheiro. Sophie não parou de falar nem um instante pelo curto caminho de carruagem até chegarem à mansão Blydon.

Emma quase saiu correndo da carruagem.

– Espere! – disseram Alex e Sophie em uníssono.

Sophie a alcançou primeiro.

– Preciso agradecer devidamente. Caso contrário passarei semanas tendo pesadelos.

A condessa levou as mãos às orelhas, tirou rapidamente os brincos de esmeralda e diamantes que usava e enfiou-os nas mãos de Emma.

– Por favor, fique com eles. É só um pequeno sinal de reconhecimento pelo que você fez, eu sei, mas talvez eles a ajudem se você algum dia precisar.

Emma estava estupefata. Não podia simplesmente dizer àquela mulher que era a única herdeira de um negócio de navegação gigante, mas ao mesmo tempo conseguia ver que Sophie precisava desesperadamente lhe dar alguma coisa em agradecimento.

– Que Deus a abençoe.

Sophie beijou o rosto de Emma e subiu na carruagem.

Emma se virou para o cocheiro e pegou os ovos que estavam com ele. Então sorriu para Sophie e começou a caminhar na direção da entrada lateral da mansão.

– Não tão rápido, meu bem – disse Alex, surgindo ao lado dela. – Eu levo isso para você.

– Não! – disse Emma, em um tom um pouco ríspido demais. – Quer dizer, realmente prefiro que o senhor não faça isso. Ninguém vai se incomodar

por eu estar atrasada se eu explicar sobre Charlie, mas não vão gostar se eu entrar com um estranho.

– Tolice – falou Alex.

Ele estendeu a mão para pegar os ovos com a autoconfiança suprema de quem espera que suas ordens sejam obedecidas. Emma recuou. Seria uma confusão sem tamanho se ele a acompanhasse até a cozinha e Belle – a quem quase com certeza ele já teria sido apresentado – começasse a chamá-la pelo nome verdadeiro.

– Por favor – pediu Emma. – Por favor, vá embora. Eu terei problemas se não fizer isso.

Alex pensou ter visto um medo sincero nos olhos dela e se perguntou mais uma vez se ela seria maltratada naquele lugar. Como não queria criar qualquer problema para a moça, cedeu.

– Muito bem – disse ele, inclinando-se em uma breve cortesia. – Foi um prazer conhecê-la, minha cara Meg.

Emma deu as costas e correu para a entrada de serviço da mansão, sentindo o olhar ardente de Alex em suas costas por todo o caminho. Quando finalmente entrou, apressada, pela porta da cozinha, sentiu como se tivesse acabado de sair do purgatório.

– Emma! – gritaram todos em uníssono.

– Onde você estava? – perguntou Belle, as mãos nos quadris. – Estávamos morrendo de preocupação.

Emma suspirou enquanto pousava os sacos de ovos em cima da bancada.

– Belle, podemos conversar sobre isso mais tarde?

Ela lançou um olhar significativo na direção dos criados, que a encaravam abertamente, boquiabertos.

– Muito bem então – concordou Belle. – Vamos subir agora.

Emma suspirou. Sentiu-se subitamente exausta, e sua cabeça voltou a latejar. E ela não sabia o que fazer a respeito dos malditos brincos, e...

– Ah, meu Deus! – disse Belle em um gritinho agudo.

Emma, sua prima irreprimível e cheia de energia, havia desmaiado de repente.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA

Uma dama fora dos padrões

Os Rokesbys

Às vezes você encontra o amor nos lugares mais inesperados...

Esta não é uma dessas vezes.

Todos esperam que Billie Bridgerton se case com um dos irmãos Rokesbys. As duas famílias são vizinhas há séculos e, quando criança, a levada Billie adorava brincar com Edward e Andrew. Qualquer um deles seria um marido perfeito... algum dia.

Às vezes você se apaixona exatamente pela pessoa que acha que deveria...

Ou não.

Há apenas um irmão Rokesby que Billie não suporta: George. Ele até pode ser o mais velho e herdeiro do condado, mas é arrogante e irritante. Billie tem certeza de que ele também não gosta nem um pouco dela, o que é perfeitamente conveniente.

Mas às vezes o destino tem um senso de humor perverso...

Porque quando Billie e George são obrigados a ficar juntos num lugar inusitado, um novo tipo de centelha começa a surgir. E no momento em que esses adversários da vida inteira finalmente se beijam, descobrem que a pessoa que detestam talvez seja a mesma sem a qual não conseguem viver.

História de um grande amor

Trilogia Bevelstoke

Aos 10 anos, Miranda Cheever já dava sinais claros de que não seria nenhuma bela dama. E já nessa idade, aprendeu a aceitar o destino de solteirona que a sociedade lhe reservava.

Até que, numa tarde qualquer, Nigel Bevelstoke, o belo e atraente visconde de Turner, beijou solenemente sua mãozinha e lhe prometeu que, quando ela crescesse, seria tão bonita quanto já era inteligente. Nesse momento, Miranda não só se apaixonou, como teve certeza de que amaria aquele homem para sempre.

Os anos que se seguiram foram implacáveis com Nigel e generosos com Miranda. Ela se tornou a mulher linda e interessante que o visconde previu naquela tarde memorável, enquanto ele virou um homem solitário e amargo, como consequência de um acontecimento devastador.

Mas Miranda nunca esqueceu a verdade que anotou em seu diário tantos anos antes. E agora ela fará de tudo para salvar Nigel da pessoa que ele se tornou e impedir que seu grande amor lhe escape por entre os dedos.

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

OS BRIDGERTONS

O duque e eu
O visconde que me amava
Um perfeito cavalheiro
Os segredos de Colin Bridgerton
Para Sir Phillip, com amor
O conde enfeitado
Um beijo inesquecível
A caminho do altar
E viveram felizes para sempre

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso
Uma noite como esta
A soma de todos os beijos
Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira
Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua
Mais forte que o sol

OS ROKESBYS

Uma dama fora dos padrões
Um marido de faz de conta
Um cavalheiro a bordo
Uma noiva rebelde

TRILOGIA BEVELSTOKE

História de um grande amor
O que acontece em Londres
Dez coisas que eu amo em você

DAMAS REBELDES

Esplêndida – A história de Emma

editoraarqueiro.com.br

